

# “É SÓ UMA GRIPEZINHA!”: OLHARES DIALÓGICO- DISCURSIVOS SOBRE UMA CHARGE CONTEMPORÂNEA

## “É SÓ UMA GRIPEZINHA!”: DIALOGICAL-DISCURSIVE LOOKS AT A CONTEMPORARY CARTOON

Lucas Lopes Rodrigues **1**  
Silvio Nunes da Silva Júnior **2**  
Wilder Kleber Fernandes de Santana **3**

**Resumo:** Procuramos, com este artigo, investigar o enunciado “É só uma gripezinha!” evidenciado em charges que circularam pela mídia digital, destacando aspectos referentes às condições de produção, o sujeito produtor e os leitores que tiveram contato com esse enunciado que tanto repercutiu num contexto de pandemia no qual todo o mundo está submerso. Para tanto, tomamos como base os pressupostos da Análise Dialógica do Discurso (ADD), na qual encontramos subsídios para problematizar o material analisado sob um viés linguístico-discursivo. Por meio da análise empreendida, foi possível identificar que os usos de elementos linguísticos e discursivos nas charges são capazes de provocar diversos modos de proliferação do enunciado “É só uma gripezinha!”. Tais modos são perceptíveis quando se retomam diferentes acontecimentos ocorridos no contexto pandêmico, o que evidencia a responsabilidade social do gênero do discurso charge como veículo de problematização de diferentes questões que emergem nas/das práticas sociais.

**Palavras-chave:** Enunciado. Proliferação. Práticas Sociais.

**Abstract:** We tried, with this article, to investigate the statement “É só uma gripezinha!” evidenced in cartoons that circulated through the digital media, highlighting aspects related to production conditions, the producing subject and the readers who had contact with this statement that had so much repercussion in a context of a pandemic in which the whole world is submerged. Therefore, we take as a basis the assumptions of Dialogical Discourse Analysis (DDA), in which we find subsidies to problematize the material analyzed under a linguistic-discursive bias. Through the analysis undertaken, it was possible to identify that the uses of linguistic and discursive elements in the cartoons are capable of provoking different modes of proliferation of the statement “It’s just a little grip!”. Such modes are noticeable when different events that took place in the pandemic context are resumed, which highlights the social responsibility of the charge speech genre as a vehicle for problematizing different issues that emerge in / from social practices.

**Keywords:** Statement. Proliferation. Social Practices.

Doutor em Linguística Aplicada (UNICAMP, 2018) e Professor do Curso de Letras - Inglês e do Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura (UFPA) - Câmpus Universitário do Tocantins/Cametá. Universidade Federal do Pará. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8141687357119122>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9936-3666>. E-mail: [identidadesfragmentadas@gmail.com](mailto:identidadesfragmentadas@gmail.com) **1**

Doutorando e Mestre em Linguística (PPGLL/UFAL) e Professor Substituto de Linguística (FALE/UFAL e UFPE/Campus Garanhuns). Universidade Federal de Alagoas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0879864383265157>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1753-399X>. E-mail: [junnyornunes@hotmail.com](mailto:junnyornunes@hotmail.com) **2**

Doutorando e mestre em Linguística (PROLING/UFPB) e Mestre em Teologia (Faculdade Teológica Nacional). Universidade Federal da Paraíba (FPB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4768062692409818>. ORCID <https://orcid.org/0000-0001-7569-499X>. E-mail: [wildersantana92@gmail.com](mailto:wildersantana92@gmail.com) **3**

## Introdução

Os gêneros do discurso estão por toda parte e têm sido pauta de discussão e proliferação de incessantes produções em terreno brasileiro, a exemplo dos trabalhos *Gêneros discursivos, posição enunciativa e dilemas da transposição didática: novas reflexões* (SOBRAL, 2011), *A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o círculo* (BRAIT; PISTORI, 2012) e *Questões de linguagem: os gêneros do discurso em perspectiva dialógica* (SANTANA, 2018).

Não há como o sujeito dominar a produção de todo e qualquer gênero, nem tampouco determinar uma escala de importância entre um gênero e outro em determinada esfera de interação discursiva. Entretanto, assim como aponta Bakhtin (2006 [1979]), os gêneros têm características específicas que os diferenciam uns dos outros, como ocorre no caso da charge, que, em linhas gerais, se diferencia de outros gêneros pela articulação que ela possibilita entre o verbal e o não-verbal e, especialmente, pela crítica social sempre veiculada por esse gênero. Na perspectiva dialógico-sociológica (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]; BAKHTIN, 2006 [1979]), ao problematizarmos a charge, encontramos diversos subsídios que permitem uma compreensão mais ampla acerca dos horizontes tomados pelas práticas discursivas nos mais variados contextos possíveis.

Nesse sentido, encontramos na Análise Dialógica do Discurso (ADD) uma possibilidade de investigar a charge com um olhar linguístico-discursivo, que não se ocupa somente com a estrutura da língua, mas, também, com sua reverberação discursiva. Sob esse viés, procuramos, com este artigo, investigar o enunciado “É só uma gripezinha!” quando evidenciado em charges que circulam pela mídia digital, destacando aspectos referentes ao contexto de produção, o sujeito produtor e os leitores que tiveram contato com esse enunciado que tanto repercutiu num contexto de pandemia no qual todo o mundo está submerso.

Diante disso, dividimos o trabalho em alguns tópicos, além das considerações iniciais e finais, a saber: Análise Dialógica do Discurso: alguns esclarecimentos; a charge como veículo de crítica social; e análise.

## Análise dialógica do discurso e a circunscrição dos gêneros do discurso

Falar em *Análise Dialógica do Discurso* (ADD) é fazer referência a uma teoria que se solidifica e ao mesmo tempo demarca suas singularidades enquanto horizonte de interpretação de enunciados (SANTANA; MARQUES, 2020). A expressão *Análise Dialógica do Discurso* é cunhada, inicialmente, por Brait (2006) para instituir um horizonte teórico-metodológico dos estudos dialógicos em escopo brasileiro e dessa forma situa, Cronotopicamente, a produção de Bakhtin e o Círculo.

Respalhada no conjunto da produção filosófico-literária de Bakhtin, em texto intitulado *Análise e Teoria do Discurso* (2006), a pesquisadora assevera que, ainda que não queiramos nem possamos estabelecer uma definição fechada e acabada do que seria essa análise/teoria dialógica do discurso, pois esse fechamento implicaria numa contradição de termos, é possível explicar sua fundamentação constitutiva, ou seja, “a indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável” (BRAIT, 2006, p.10). É por meio desse dispositivo de interpretação somos impulsionados a examinar a constituição dos discursos em níveis filosófico-estético, ético e cognitivo, uma vez que sua contribuição se torna significativa para compreensão da produção de sentidos nos movimentos da linguagem humana.

Nessa arena de vozes, ao lançarmos olhares teórico-metodológicos sobre as produções russas e brasileiras que sublinham o ensaio *Os gêneros do discurso*, percebemos que orbitam em torno dessa “obra-enunciado” diversas outras produções de Bakhtin (2006 [1979]; 2013 [1963]; 2010 [1923-1924]), Volóchinov (2017 [1929]; 1930) e Medviédev (2016 [1928]), a tratar da questão. É nesse direcionamento argumentativo que é sedimentado, também nosso ato analítico sobre a charge, tendo em vista ser o gênero seletivo para averiguação de relações dialógicas. Propomo-nos, nesse sentido, no âmbito das discussões em Ciências Humanas, a discutir sobre os gêneros do discurso, tema recorrente principalmente em escritos de Bakhtin

e o círculo.

É incontestável a imprescindibilidade que supradimensiona as discussões existentes no ensaio *Os Gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2006, [1979]). Nesta produção, o filósofo soviético desenvolve, milimetricamente, interstícios conceituais sobre o dialogismo ao estabelecer divergência(s) entre o enunciado concreto, gestado como unidade da comunicação discursiva, e a oração, entendida como unidade da língua. No entanto, apesar da singularidade desse texto, aqui recorreremos a outros eventos que o atravessam, pois, em concordância com Brait e Pistori (2012), soaria como um reducionismo fechar o conceito de gênero do discurso às três dimensões: *forma de composição, conteúdo temático e estilo*, até porque, na conclusão de *Problemas da poética de Dostoiévski*, tece Bakhtin “importantes afirmações sobre gênero que respondem questões colocadas hoje em relação aos gêneros próprios das novas formas de comunicação” (BRAIT; PISTORI, 2012, p. 376).

Em manuscrito intitulado *Peculiaridades do gênero, do enredo e da composição das obras de Dostoiévski* (2013a [1963], p. 121), Bakhtin assevera que “O gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é velho e novo ao mesmo tempo [...] O gênero vive do presente mas sempre recorda o seu passado, o seu começo”. Nas interminações de sua produção romanesca sobre a poética de Dostoiévski, compreende Bakhtin que “Ao nascer, um novo gênero nunca suprime nem substitui quaisquer gêneros já existentes. Qualquer gênero novo nada mais faz que completar os velhos, apenas amplia o círculo de gêneros já existentes” (2013b [1963], p. 340).

Nesse esteio de discursivizações sobre o tempo e o espaço em obras romanescas e da vida, é possível compreendermos que, de modo semelhante e em mesmas instâncias espaço-temporais, “cada novo gênero essencial e importante, uma vez surgido, influencia todo o círculo de gêneros velhos: o novo gênero torna os velhos, por assim dizer, mais conscientes, fá-los melhor conscientizar os seus recursos e limitações, ou seja, superar a sua ingenuidade” (BAKHTIN, 2013b [1963], p. 340).

Consoante ao pensamento de Bakhtin, Medviédev (2016 [1928]), outro estudioso e integrante do círculo, fornece informações valiosas para uma concepção de gênero na perspectiva de que a linguagem se materializa por meio de enunciados concretos, articulando signos *interiores* e *exteriores*. Interessa pontuar que o significado de gênero ordenado através do método formal retardou e comprometeu sérias concepções de linguagem e objeto científico, “uma consequência direta e inevitável do fato de que o objeto inicial de sua teoria foi a linguagem poética, e não a construção da obra” (MEDVIÉDEV, 2016, p. 193).

Nessas instâncias discursivas, o gênero se constitui como “uma forma típica de todo o enunciado. Uma obra só se torna real quando toma a forma de determinado gênero. O significado construtivo de cada elemento somente pode ser compreendido na relação com o gênero [...] o gênero é uma totalidade típica do enunciado artístico [...]” (MEDVIÉDEV, 2016 [1928], p. 193). Então, no manuscrito intitulado *Os elementos da construção artística*, Medviédev, assevera que “Gênero é um conjunto dos meios de orientação coletiva na realidade, dirigido para seu acabamento [...]. A compreensão da realidade desenvolve-se e origina-se no processo da comunicação social ideológica” (MEDVIÉDEV, 2016 [1928], p. 200).

No que diz respeito especificamente ao enunciado concreto, trata-se de um conceito que promove rupturas em relação às propensões fabricadas pela tradição normativa gramatical, instituindo-se como uma instância de interação discursiva entre dois ou mais sujeitos, possuindo sua gênese na comunicação ininterrupta (BAKHTIN, 2006 [1979]). Desse modo, quando os sujeitos se apropriam de um discurso, já vivido, podem potencializá-lo responsavelmente. Acorramo-nos, nesse arsenal semântico-dialógico, nos dizeres de Volóchinov, ao afirmar que o discurso alheio é “o discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado, mas ao mesmo tempo é também o discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 249).

Este posicionamento conceitual assumido pelo círculo de Bakhtin é fortalecido por pesquisadores em terreno nacional e internacional, os quais se inserem nessa rede de discussões e promovem a solidificação de análises sob vieses dialógico-discursivos (BRAIT, 2006; RENFREW, 2017; SILVA-JUNIOR, 2019; SANTANA & MARQUES, 2020). Por meio da averiguação dos diversos objetos científicos como enunciados concretos, por exemplo, é possível transcender a

ideia gramatical de enunciado equivalente a sentença, ou em diferenciações sintagmáticas da oração e da frase. No *topos* que problematiza aquelas interpretações tradicionais, cientistas da linguagem passam a compreender a leitura por uma outra ótica de observação e discussão de imagens (RENFREW, 2017; BRAIT, 2017).

Desse modo, os enunciados concretos sempre estão em interligação na cadência socioideológica do tempo, o que define o *dialógico*, como esclarece Bakhtin (2006 [1979], p. 371, grifos nossos): “**Não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem.** Nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado”. Nessa linha de pensamento, na medida em que constatamos o enunciado como um dispositivo que estabelece uma relação direta com o contexto social de interação discursiva (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]), selecionamos a charge como gênero para interpretação dos dados, o que constitui a próxima seção.

### A charge como veículo de crítica social

No seio de uma concepção dialógica de língua/linguagem (VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2006 [1979]), acreditamos ser relevante pensar na questão dos gêneros do discurso dando ênfase às possibilidades de os sujeitos se comportarem e agirem no mundo por meio das práticas de linguagem. Entendemos, sobretudo, que o uso da linguagem em diferentes situações pode ser um importante veículo para a construção de pontos de vista. A charge, por exemplo, com seus elementos linguísticos e discursivos, tem sido um pressuposto de crítica social de grande impacto científico, como buscamos mostrar no presente estudo. Para tanto, visamos, neste tópico de discussão, refletir sobre as características da charge em articulação com o pensamento do Círculo de Bakhtin.

Numa reflexão sobre os horizontes tomados por determinados gêneros do discurso em contextos diversos, Puzzo (2009, p. 474) pondera que o mundo tem sido

mediado principalmente pelas imagens de impacto que se distribuem em páginas de jornal, capas de revista, noticiários de TV, entre outros. A força dessas imagens é tão viva que sua apreensão é feita como se elas fossem a realidade concreta, pois é difícil duvidar do que se vê. Entretanto, refletindo sobre essa questão há diferenças substanciais na forma como tais imagens são captadas e reproduzidas.

A relação entre texto e imagem é algo que tem sido decisivo nas produções discursivas, impressas e digitais, do século XXI. Marcado pela emergência de informações das mais simples às mais complexas, as ações de linguagem dos sujeitos tomam proporções antes não planejadas. No caso da charge, gênero encontrado com maior enfoque em suportes como o jornal, as revistas e os noticiários de TV, o potencial das vozes que circundam os discursos que nela povoam está altamente relacionado a problemáticas sociais que, por serem polêmicas, podem ser esmiuçadas de modo menos invasivo por intermédio de produções que prezem pelo humor na crítica social.

Em articulação com a concepção de enunciado concreto (BAKHTIN, 2006 [1979]), compreendemos que a charge implica possibilidades de reflexão do sujeito por meio do texto verbal e da imagem. Sob essa perspectiva, Andrade (2011, p. 149) afirma que

Charge é um tipo de enunciado crítico e opinativo do campo do humor gráfico, veiculado pela mídia impressa e eletrônica, cujo efeito de sentido considera a história, o contexto amplo e o horizonte social imediato; seu registro imagético se configura através do desenho caricatural de personalidades, objetos e cenários, além de outros elementos verbais e não-verbais articulados a temas e personagens em evidência na

atualidade e sua realização relativamente estável se dá através da relação dialógica entre chargista - mundo compartilhado-registro-leitor.

Assim, diferentes veículos impressos e digitais se utilizam das charges como um modo de instituir a preocupação com os problemas sociais de modo que o leitor possa compreender ativamente as questões que norteiam as suas práticas. A charge, nesse sentido, é um importante contributo para atividades de ensino, por exemplo, quando os alunos podem apresentar questionamentos a respeito dos elementos que constituem o gênero charge em determinado meio de circulação. Além disso, a charge é um dos gêneros que são mais propícios de serem identificados em variadas práticas de linguagem, uma vez que os aspectos estilísticos, verbais e imagéticos podem favorecer a atratividade e a criatividade no processo de compreensão responsiva ativa (BAKHTIN, 2006 [1979]). O aspecto visual, que, na maioria das vezes, é o que mais atrai a atenção dos leitores, é algo que a charge carrega como característica principal. Por essa razão, Dondis (2007, p. 53) acredita que para “analisar e compreender a estrutura total de uma linguagem visual é conveniente concentrar-se nos elementos visuais individuais, um por um, para um conhecimento mais aprofundado de suas qualidades específicas”.

Na perspectiva dialógica que fundamenta este estudo, defendemos a ideia de que os elementos discursivos da charge, bem como de qualquer gênero do discurso, não precisam nem deve se igualar ao que possivelmente o produtor do gênero pensou ao efetuar tal produção discursiva-imagética. A charge tem como finalidade criticar determinada problemática ou atividade social que esteja em destaque na mídia. Dessa forma, são várias as possibilidades de compreensão do sujeito por uma charge. A respeito da charge numa vertente dialógica de linguagem, Andrade (2011, p. 153) assinala que

Quanto ao chargista, este enunciador primeiro, ele realiza seu ato como resposta às coisas de um mundo posto, cujo passado está continuamente sendo re-significado ou interpretado, concomitantemente a um futuro sempre adiante do nariz, que se faz presente *ad infinitum*. Este primeiro-enunciador é já, pois, um segundo que, interpelado pelos atos e discursos do homem em sociedade, dá sua contribuição, refutando, acrescentando, concordando, criticando, apoiando, demonizando, sacralizando, contestando, dentre outras ações, tornando-se, esse mesmo enunciador (chargista) mais um elo na cadeia de enunciados postos em circulação nas mídias (ANDRADE, 2011, p. 153, grifos do autor).

O produtor da charge, nesse sentido, é um sujeito que se insere em determinadas práticas e se utiliza de um gênero para responder ativamente a algum acontecimento que fez/faz parte do seu cotidiano. A charge possibilita um contínuo processo de significação e ressignificação de questões que permeiam as mais diversificadas práticas sociais de linguagem povoadas por sujeitos responsivos ativos. Por muitas vezes, ainda conforme Andrade (2011), a charge funciona como uma maneira de articular os sentidos de diferentes enunciados em busca de posicionamentos mais amplos sobre determinado tema, em que cabe considerar que ela agrega múltiplos valores. Sobre a perspectiva valorativa, Santana (2017) entende que a valoração é um elemento importante da produção discursiva. Nela, para o mesmo autor, “o autor justapõe responsivamente os enunciados (e todos os outros elementos) à história e à memória ideológica sociais. Esse plano, chamado de axiologicamente valorativo, se faz de modo responsavelmente racional” (SANTANA, 2017, p. 240).

A racionalidade e a responsabilidade que há no ato de produzir um gênero do discurso são questões importantes na reflexão sobre a charge como um veículo de crítica social. Numa conjuntura que vive em constante movimento de transformação, variados são os modos de

pensar nos impactos que os discursos podem trazer para as constituições dos sujeitos na e pela linguagem. Um gênero do discurso que se assemelha com a charge em alguns aspectos é o cartum. Entretanto, Andrade (2011, p. 156-157) esclarece que

A charge pode parecer um cartum em sua configuração estética, mas não é um cartum. Este encerra em si mesmo uma ideia e, embora seja necessário algum conhecimento prévio por parte do leitor já inserido numa certa cultura e dotado de “conhecimentos gerais”, o cartum se alicerça em molduras sociais, em cenas recorrentes, em cenários amplamente divulgados. Por isso é comum ouvir-se dizer que o cartum tem um caráter universal que paira sobre a barreira das línguas; enquanto que a charge se alicerça principalmente no efêmero, na instabilidade dos pontos de vista sobre os fatos imediatos do mundo da política, da economia e de outros grandes acontecimentos desportivos, culturais ou de interesse comunitário, social.

Nessa linha de pensamento, observamos que a principal diferença da charge para o cartum reside na responsabilidade do chargista em estabelecer uma relação direta do gênero com o contexto de produção. Os temas abordados nas charges são variados e se inter cruzam pelas diferentes vozes que influenciam as produções discursivas dos sujeitos. Tal posição retoma Bakhtin (2006 [1979], p. 301), para o qual “Cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero”. No caso específico da charge, mediante os variados veículos pelos quais elas circulam, é complexo pensar no direcionamento do gênero para uma comunidade discursiva pré-determinada. O que pode e deve oscilar são as compreensões formuladas pelos leitores nesses diversos contextos de circulação, visto que a charge é composta por enunciados concretos, e neles “coexistem diversificadas formas de pensar o mundo e a história humana [...]. São depositários de formas particulares de ver o mundo, de consubstanciar visões de mundo de épocas históricas” (BRAIT, 2005, p. 147). Dessa forma,

É interessante que a charge, ela própria fruto de relações dialógicas, passe a fazer parte da cadeia das próximas relações, pois, através dela, também ecoam discursos que atravessam os sujeitos, que por sua vez tomam posição diante dos temas apresentados, concordando, discordando, duvidando, se irritando ou se divertindo. É através da intertextualidade que o enunciador da charge faz remissões, comparações, propõe justaposições entre elementos distintos, enfim, convida o interlocutor a jogos dialógicos que, uma vez malogrados em sua expectativa de efeitos de sentido, pode construir uma narrativa espirituosa. É dessa maneira que os participantes da interação comunicativa constroem pontes entre si – pela palavra discurso, enunciada sob múltiplos signos, através de estratégias composicionais desconcertantes e/ou de evidências axiológicas (AMORIM, 2011, p. 176).

Por ser norteadada por relações dialógicas, as quais, para Bakhtin (2006 [1979]), não residem nem se limitam a aspectos estruturais e isolados da língua, a charge permanece entremeada por diversas maneiras que participar e estabelecer jogos dialógicos de sentido, em que se incluem compreensões e valorações diversas. A articulação entre os novos saberes e os saberes preexistentes é algo promovido por toda e qualquer charge em circulação no passar do tempo, o qual também é dialógico, uma vez que “é examinado na dinâmica do texto

social da cultura onde as manifestações podem ser situadas em seu caráter conceitual, atual e sensorial” (MACHADO, 2010, p. 209).

A partir das considerações sobre a Análise Dialógica do Discurso (ADD) e os elementos característicos do gênero do discurso charge, seguimos com a análise de dados no presente estudo.

### “É só uma gripezinha”: uma análise dialógico-discursiva

Considerando as diversas esferas sociais de uso da linguagem (BAKHTIN, 2006 [1979]), tendo como referência a noção de gênero discursivo, vislumbramos essa análise dialógica do discurso, atrelando a posição sujeito-leitor à produção de significados, já que o insere numa condição sócio-histórica-ideológica (MEDVIÉDEV, 2016 [1928]).

Sendo assim, dentro dos estudos da linguagem, permeados pela Análise Dialógica do Discurso, conseguimos perceber que a produção de sentidos se constrói como um processo de continuidade, pressupondo a compreensão do próprio enunciado, que entretece fios dialógicos como consequência das noções, como, por exemplo, ideologia, sociedade e história (RENFREW, 2017). Esses são oriundos da própria comunicação, considerando o já-dito e o não-dito na materialidade linguística, fazendo com que os presentes se tornem interlocutores ativos, arquitetando os sentidos da/na língua.

Em se tratando das condições de produção de discurso, a charge acima foi veiculada, em 3 de abril de 2020, no site Blogger ([www.paraalemdopensamento.com.br](http://www.paraalemdopensamento.com.br)), na seção “Uma imagem que resume tudo: A serpente Bozo no paraíso dos bolsominions”.

Figura 1. É só uma gripezinha



Fonte: <http://www.paraalemdocerebro.com.xn--paraalmdocerebro-gnbe.com/2020/04/uma-imagem-que-resume-tudo-serpente.html>

O enunciado chargístico apresenta, no âmbito dos signos escritos, o enunciado “É só uma gripezinha [...]”. Quanto aos aspectos imagéticos, contracenam três sujeitos, um com rosto de homem e corpo de serpente, que entrega uma maçã aos outros dois. Chama atenção, inicialmente, o fato de a maçã estar escrito “COVID-19”. O cenário em que os sujeitos se encontram é um jardim, em que se dispõe uma árvore a céu aberto e grama, com muitas folhas.

Todo esse repertório de disposição sígnica nos convoca a relembrar da narrativa mosaica da criação, explicitada de forma minuciosa no livro de Gênesis. Em tal ocasião de aconteci-

mento da criação do homem e da mulher, Adão e Eva, registra Moisés que, tendo Deus dado ordem para que nenhum dos dois comessem do fruto da árvore do bem e do mal, aparece uma serpente e oferece do fruto proibido. A serpente, sendo “o mais astuto de todos os animais selvagens que Deus tinha feito” (Gn 3. 1). Após dialogar com a mulher e interpelar sobre a ordem dada por Deus para que não comessem o fruto, afirma que, caso eles viessem a comer a maçã, certamente não morreriam (Gn 3. 4), e assim oferece a maçã.

Ainda em termos descritivos, torna-se de conhecimento da maioria dos brasileiros que tem contato com os principais acontecimentos políticos em vigência nos anos 2019 e 2020 que a caricatura da serpente representa o atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro. Também deve-se considerar que a maçã com a inscrição COVID-19 simboliza a oferta gratuita e intencional do Coronavírus, uma população “de uma família de vírus que acomete animais e humanos. Nos seres humanos pode acarretar infecções respiratórias graves” (SILVEIRA; SANTANA, 2020, P. 101). Ainda segundo estes pesquisadores, baseados em registros da Organização Mundial de Saúde (OMS), “O nome coronavírus se deve ao fato de que a imagem do vírus se assemelha a uma coroa (do espanhol coroa = corona). Sua ocorrência foi relatada em dezembro de 2019 em Wuhan, China e, posteriormente, disseminou-se mundo afora” (SILVEIRA; SANTANA, 2020, P. 101)<sup>1</sup>.

Diante dessas considerações, em primeira instância, traçamos um paralelo entre o lugar ocupado pelo atual presidente Bolsonaro e suas representações, frente às tomadas de decisão em crise pandêmica, em detrimento da que surge a partir da figura da serpente. Nessa direção, sobre o dialogismo bakhtiniano, valemo-nos dos apontamentos de Brait (1997, p. 56), que indicam particularidades de uma relação materializada pela linguagem.

Os interlocutores com quem a serpente dialoga, em oferecimento da maçã (COVID-19) são pessoas que credibilizam seus discursos, que acreditam piamente em suas enunciabilidades políticas e sobretudo apoiam seus atos de tortura e de eugenia. Logo, o autor da charge, na posição de criador, utilizou a estratégia de representar essas pessoas por Minions, que convoca um termo sintagmático utilizado para designar os seguidores fieis de Bolsonaro: os bolsominions. Essa faceta pode ser caracterizada pelo duelo de forças, em que o próprio presidente tem se mostrado autoritário para transmitir as decisões em seus pronunciamentos, perpetuando-se como dono da verdade ou como uma forma de agradar seu rebanho de bolsominions.

Além disso, vale destacar que, à atuação presidencial tem sido atribuída algumas emergências, que se dão em torno do predicativo bélico e da truculência militar, histórico bastante destacado por ele mesmo em suas redes sociais e vídeos de uma vida pública de mais de 30 anos. Vemos essa particularidade materializada na própria página no Twitter ([@jairbolsonaro](http://www.twitter.com)), na qual coloca em destaque que é Capitão do Exército Brasileiro, eleito 38º. Presidente da República Federativa do Brasil.

No ato interpretativo do gênero contemporâneo, recorremos a Bakhtin, para quem “a palavra (e em geral, o signo) é interindividual. Tudo o que é dito, expresso, situa-se fora da “alma”, fora do locutor, não lhe pertence com exclusividade. Não se pode deixar a palavra para o locutor apenas (BAKHTIN, 2006 [1979]).

Com base nos estudos de Charlot (2015, p.19), entendemos que a maçã (COVID-19) ocupa o lugar da semente da serpente, tendo o entendimento de que o pecado original, materializado pelo negacionismo ao discurso científico-tecnológico, faria Jair Messias Bolsonaro afeiçoar ao mais astuto de todos os animais já criados por Deus.

<sup>1</sup> Os sintomas mais comuns do COVID-19 são febre, tosse seca e cansaço. Outros sintomas que são menos comuns e podem afetar alguns pacientes incluem dores frequentes, congestão nasal, dor de cabeça, conjuntivite, dor de garganta, diarreia, perda de paladar ou cheiro ou erupção cutânea na pele ou descoloração dos dedos dos pés ou dos pés. Esses sintomas geralmente são leves e começam gradualmente. Algumas pessoas ficam infectadas, mas só têm sintomas muito leves. [...] Cerca de 1 em cada 5 pessoas fica gravemente doente e desenvolve dificuldade para respirar. Pessoas mais velhas e aqueles com problemas médicos subjacentes, como pressão alta, problemas cardíacos e pulmonares, diabetes ou câncer, têm maior risco de desenvolver doenças graves. No entanto, qualquer um pode pegar COVID-19 e ficar gravemente doente. Pessoas de todas as idades que experimentam febre e/ou tosse associadas à respiração/falta de ar, dor/pressão torácica ou perda de fala ou movimento devem procurar atendimento médico imediatamente. Se possível, recomenda-se ligar para o profissional de saúde ou unidade de saúde o quanto antes para que o paciente possa ser direcionado para a clínica certa (OMS, 2020, s. p., Tradução nossa).



Nesse sentido, a partir dos personagens na charge, vemos que há uma arquitetônica discursiva materializado pelo discurso presidencial, afinal, com o surto da pandemia instaurada pelo COVID-19, vemos emergir uma realidade histórico-social que deve ser repensada e reconstituída. O lugar do presidente e seus súditos (bolsominions) tem se constituído um lugar de escuta para a (re)produção do negacionismo, além de constituir a voz dos direitistas com base no que foi dito, podendo esse lugar de fala ser construído de diversas formas, fator que delimita os sentidos em torno da representação do que é ser presidente e conservador. Mais uma vez, em nossos gestos interpretativos, apoiamo-nos no pensamento de Volóchinov, o qual enfatiza que a palavra é o fenômeno ideológico *par excellence*, de modo que esta não comporta nada que não esteja ligado a essa função, consistindo no modo mais puro e sensível de relação social (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]).

À vista disso, relevante à análise aqui empreendida é a noção de que há sempre vozes que se atravessam e fazer emergir representações em torno do mandato presidencial. Dessa maneira, aproveitando-nos desse conceito e o que ele mobiliza, vemos que a posição adotada, na charge, pelo capitão, também traz para junto de si uma representação de alguém sagaz, inteligente e ligeiro, entretanto essa imagem pode sofrer rupturas.

Se pensarmos que a língua é dialógica por natureza, imbuída de dizeres-outros, temos a emergência de um Jair Messias Bolsonaro caricato e personificando as astúcias diante de Eva, lugar ocupado pelos “minions”. Por conta disso, trazemos à discussão o trecho de Gênesis 3:1, o qual diz “É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim?”, destacamos que os dizeres dessa passagem vão ao encontro da atuação negacionista de que a COVID-19 pode ceifar vidas, exigindo, desse modo, distanciamento social para sua contenção. Nesse sentido, ainda temos a passagem de Gênesis 3:14-15, em que são destacadas as seguintes palavras “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre tua descendência e a dela. Esta te ferirá a cabeça, e tu ferirás o calcanhar”, bastante significativa ao momento político atual, já que o Messias assume para junto de si a responsabilidade de limpar os destroços deixados por governos progressistas nos últimos anos, bem como tem se colocado como inimigo-mor da oposição, que, constantemente tem o questionado de suas decisões.

Passemos ao que se constrói em torno do dizer “É só uma gripezinha”. Dentro dessa visão, a linguagem torna-se basilar na constituição da sociedade, dos sujeitos que dela fazem parte, da historicidade e do modo como refratam sentidos ideológicos. Esse olhar volta-se às discursividades produzidas tanto no discurso interior quanto no exterior, sendo isso capturável de maneira interativa, dialogizada, compreendendo os espaços sociais e suas criações hierarquizadas, dominações, consensos e dissensos, fazendo com que os signos reflitam a realidade.

Conseqüentemente, interessa-nos destacar o uso do **é + só + uma gripezinha**. Pensando na construção desse sintagma nominal, seguido pelo uso do diminutivo, vemos que todas as ações de prevenção e distanciamento social soaram ao presidente como um exercício de demasiada preocupação e que esse foi super dimensionado. Isso considerado, vemos que a construção em torno do capitão serpente se dá por meio de alguns dizeres “Eu não sou coveiro”; “Eu sou Messias, mas não faço milagre” e “A gente lamenta todos os mortos, mas é o destino de todo mundo”. São também de destaque ao percurso analítico as construções discursivas feitas por meio do campo semântico religioso, retomando o sincretismo religioso da atuação bolsonarista nos últimos tempos. Isso pode ser materializado linguisticamente pela proposição: “Eu não sou coveiro”. O uso do vocábulo “cova” e “coveiro” instaura um olhar de vida-morte e ganha corpo também pela entrega da maça (COVID-19), como se os “minions”, quando fizessem a ingestão, conseguissem transpor uma realidade-outra, como se forçosamente lhes abrissem os olhos.

Ainda, na esteira analítica, temos os dizeres “Eu sou Messias, mas não faço milagres”, que estilhaçam a atuação de alguém que se diz proativo e combatente. Ainda que a alcunha do nome “Messias” faça emergir toda a messianidade jesuítica, assemelhando-se a Jesus, vemos uma denegação nas ações, uma vez que o uso da adversativa “mas” deflagra e deixa em suspenso todo o esforço que o líder diz ter feito, tendo optado por estar do lado econômico ao invés de ações educativas e humanitárias em favor da população. Em suma, nos dizeres “A gente lamenta todos os mortos, mas é o destino de todo mundo”, capturamos um exercício de

silenciamento e apagamento dos efeitos de sentido da vida-morte nas discussões sobre a crise pandêmica. Isso pode ser explicado pelo uso da locução pronominal “a gente” + lamenta”, que implica em um olhar totalizante, como, se, de fato, as ações governamentais tivessem sido suficientes. Também, destacamos o emprego de “todos os mortos” e “o destino de todo mundo”, construções discursivas, que revelam a banalização e o apagamento das inúmeras mortes por conta do vírus.

Diante dessas considerações, é preciso balizar as condições do discurso, que enredam o gênero charge e causa alguns de seus desdobramentos. Merece nosso destaque à seção “Uma imagem que resume tudo: A serpente Bozo no paraíso dos bolsominions”. Isto é, aos bolsoneiros, também chamados de seres “milenarios”, dada a condição histórica direitista brasileira, possuem uma missão, parecida a do filme – servir seus maiores vilões. Com a morte de um dos seus mestres, em depressão, tentam encontrar um novo representante, seduzido pelos discursos de inovação. Também, nesse sentido, vemos que o lugar ocupado por Kevin, Stuart e Bob pode prefigurar o lugar que muitos brasileiros têm galgado, ser capacho de uma nação supremacista e em posição hegemônica a fim de que dominar o mundo.

### Considerações Finais

O estudo aqui apresentado deixa em destaque alguns aspectos que merecem ser elencados para uma compreensão mais clara acerca da necessidade de investigação nas Ciências Humanas e Sociais a respeito das práticas de linguagem que circundam os nossos contextos de vivência social. Percebemos que os gêneros do discurso ocupam espaços decisivos na proliferação de enunciados como “É só uma gripezinha!”, e, no que se refere a charge, ela atua como um veículo pertinente, utilizada por sujeitos das mais diversas ocupações sociais (políticas, profissionais, acadêmicas etc.) para criticar e denunciar as relações de sentido que emergem de enunciados compostos por cargas sócio-históricas e ideológicas que procuram apagar todas as evidências científicas sobre um tema tão complexo como a pandemia da Covid-19.

As análises revelam, sobretudo, as possibilidades de compreensão e produção de sentidos por meio da proliferação do enunciado “É só uma gripezinha!” em charges que circulam pela mídia digital. Nesse sentido, depreendemos que tem sido cada vez mais emergente a necessidade de promover estudos e pesquisas que instiguem novas possibilidades de compreensão a partir de enunciados que marcam tão fortemente as constituições dos sujeitos que habitam um país repleto de desafios como o Brasil, principalmente quando um enunciado que desmerece todo um conjunto de estudos e pesquisas realizados em todo o mundo é proferido por um Presidente da República.

### Referências

ANDRADE, A. C. de. **A charge**: análise do processo enunciativo-discursivo numa perspectiva dialógica. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal de Pernambuco, 2011.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006a [1979]. p. 261-306.

BAKHTIN, M. Apontamentos de 1970-1971. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006a [1979]. p. 367-393.

BAKHTIN, M. Peculiaridades do gênero, do enredo e da composição das obras de Dostoiévski. In: BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense, 2013a [1963], p. 115-206.

BAKHTIN, M. Conclusão. In: BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense, 2013b [1963], p. 339-341.

BRAIT, B. **Bakhtin**: dialogismo e construção do sentido. Beth Brait (org.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin** – outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006, p. 9-32.

BRAIT, B.; PISTORI, M. H. C. **A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o círculo**. Alfa, São Paulo, 56 (2): 2012.p. 371-401.

BRAIT, B. A emergência, nas fronteiras entre língua e literatura, de uma perspectiva dialógica de linguagem. **Bakhtiniana**, São Paulo, 12 (2), 2017. p. 5-23.

DONDIS, D. A. **Sintaxe da linguagem visual**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MACHADO, I. A questão espaço temporal em Bakhtin: cronotopia e exotopia. In: **Círculo de Bakhtin**: teoria inclassificável. Luciene de Paula; Grenissa Stafuzza (org.). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.

MEDVIÉDEV, P. Os elementos da construção artística. In: MEDVIÉDEV, Pável. **O método formal nos estudos literários**: introdução a uma poética sociológica. Tradutoras: Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2016d [1928], p.193-210.

OMS. **Organização Mundial da Saúde**. Disponível em: <https://www.who.int/eportuguese/countries/bra/pt/>. Acesso em: 13.nov.2020.

PUZZO, M. B. A Fotografia em capas de revista e a constituição do sentido. In: **Congresso de Leitura do Brasil**. 17º. 2009.

RENFREW, A. **Mikhail Bakhtin**. Trad. Marcos Marcionilo. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2017.

SANTANA, W. K. F. de. Heterodiscursividade e Axiologia no primeiro capítulo do Cântico Dos Cânticos. In: **SINALP - Simpósio Nacional de Literatura Popular**, 2017, Joao Pessoa. Cultura Popular e Cosmopolitismo - Simpósio Nacional de Literatura Popular. Joao Pessoa: Mídia Editora, 2017. v. 1. p. 6-247.

SANTANA, W. K. F. de. Questões de linguagem: os gêneros do discurso em perspectiva dialógica. **Letra Magna** - Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura. V. 14, n. 23, 2018, p. 417-432.

SANTANA, W. K. F. de; MARQUES, E. L. de M. Contribuições do dialogismo para práticas leitoras: estudos linguístico-discursivos. **E-scrita**. Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis, v.11, n. 1, 2020, p. 217-229.

SILVA JÚNIOR, S. N. **Produção oral sistematizada em atividades didáticas de língua portuguesa**: um trabalho colaborativo no ensino fundamental. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura, Universidade Federal de Alagoas, 2019.

SOBRAL, A. **Gêneros discursivos, posição enunciativa e dilemas da transposição didática**: novas reflexões. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 37-45, jan./mar. 2011.

VOLOCHÍNOV, V. O problema da relação entre a base e a superestrutura. In: VOLOCHÍNOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem** - Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo –

Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929], p.103-114.

VOLOCHÍNOV, V. A Interação Discursiva. In: VOLOCHÍNOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem** - Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929], p.201-226.

Recebido em 15 de novembro de 2020.

Aceito em 13 de janeiro de 2021.